

ENERGIA

Inaugurado em 2011, o Nord Stream 1 transporta anualmente 55 mil milhões de metros cúbicos de gás russo para a Alemanha, dez vezes o consumo português de gás natural

FOTO SEAN GALLUP/GETTY IMAGES



Sanções A Europa bem tenta cortar os laços energéticos com a Rússia. Mas não está fácil

Nada de novo lá em Moscovo

MIGUEL PRADO

ditado “não vendas a pele do urso antes de o apanharem” pode aplicar-se a muitas experiências na vida. Esta semana, no Fórum do Banco Central Europeu, em Sintra, serviu que nem uma luva a Christian Zinglensen, diretor da agência europeia de cooperação de reguladores de energia, a ACER, para ilustrar a cautela que a Europa deve ter ao abordar as estratégias de corte com a dependência energética da Rússia. A questão é complexa, e vai para lá da vontade política de cessar o financiamento da máquina de guerra de Moscovo. Desde que a invasão da Ucrânia começou, várias sanções foram anunciadas. Com que efeito prático?

A 8 de abril a UE banii a importação de carvão da Rússia. A 3 de junho avançou com uma nova sanção, prendendo o fim das importações de crude russo num prazo de seis meses e das compras de refinados russos dentro de oito meses, excetuando deste embargo as entregas petrolíferas por oleoduto (de forma a não minar a segurança energética de alguns países de Leste). Entretanto, Bruxelas aprovou o pacote REpower EU, prevendo até ao final do ano encontrar novos fornecedores que entreguem anualmente 100 BCM (mil milhões de metros cúbicos) de gás natural, ou seja, dois terços das importações oriundas da Rússia.

Cortar a dependência de petróleo e gás da Rússia terá um impacto bem mais relevante na economia russa do que o embargo ao carvão (€8 mil milhões de exportações russas anuais) ou a promessa de embargo do G7 ao ouro (€14 mil milhões). Em 2021 a Rússia exportou um total equivalente a €464

mil milhões, dos quais €104 mil milhões em crude, €65 mil milhões em produtos petrolíferos refinados e quase €59 mil milhões em gás natural.

Mas Moscovo tem resistido às sanções, vendendo combustíveis com desconto à Índia e China, entre outros clientes. Dados da empresa Kpler citados pela S&P Global indicam que na primeira quinzena de junho as exportações petrolíferas da Rússia por via marítima alcançaram 3,88 milhões de barris por dia, o nível mais alto desde maio de 2019, ainda antes da pandemia.

Várias questões emergem. A Rússia pode castigar a Europa tanto quanto a Europa está a tentar castigar a Rússia com sanções? E se a Rússia cortar o fornecimento de gás à Europa? Há meios de no curto prazo contornar esse corte? Há alguma forma de conter a escalada dos preços para o consumidor final?

Polónia, Bulgária, Itália, França, Alemanha e Holanda são alguns dos países aos quais a Rússia já cortou o fornecimento de gás. No início de junho o diretor-executivo da Agência Internacional de Energia, Fatih Birol, admitia ao “Financial Times” a possibilidade de um racionamento de energia na Europa no próximo inverno. Esse cenário é levado cada vez mais a sério pelos

DIRETOR DA AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA JÁ ALERTOU PARA UM POTENCIAL RACIONAMENTO DE ENERGIA NA EUROPA NO PRÓXIMO INVERNO

agentes do sector. Há dias os presidentes das energéticas francesas Engie, EDF e TotalEnergies juntaram-se num raro apelo para que famílias e empresas “limitem imediatamente os seus consumos energéticos”.

A UE tem alguma capacidade de gás armazenada, mas cortes no curto prazo deixariam o Velho Continente numa situação delicada, podendo limitar as entregas a algumas indústrias, ou forçar a reativação de centrais a carvão, para reduzir o recurso a centrais a gás para produzir eletricidade. Estará Portugal a salvo de racionamentos? “À data de hoje diria que sim. A Península Ibérica está bem apetrechada em termos de flexibilidade”, afirma ao Expresso o presidente-executivo da GGDN (maior distribuidora de gás natural em Portugal), Gabriel Sousa.

Pedro Amaral Jorge, presidente da Apren — Associação Portuguesa de Energias Renováveis, realça ao Expresso que “Portugal tem a vantagem de ter flexibilidade na compra de gás”, podendo adquiri-lo no mercado internacional, de diversas fontes, para entrega por navio no terminal de Sines. O mesmo responsável não prevê “problemas de maior” no aprovisionamento de gás. Mas no sector elétrico (um forte consumidor de gás em anos mais secos) admite que uma “tempestade perfeita”, com uma crise ibérica, cruzando baixa produção eólica e o quadro de seca, pode provocar “desequilíbrio entre oferta e procura”. O presidente-executivo da EDP, Miguel Stiiwell de Andrade, já havia admitido, em entrevista ao Expresso este mês que há um risco no que toca ao sistema elétrico. “O risco que temos será o próximo inverno. A partir de novembro ou dezembro. Se continuarmos sem água nessa altura, então, sim, vamos ter problemas”, observou. Esta semana o Conselho da UE aprovou um novo regulamento que obriga os Estados-membros a ter pelo menos

80% do armazenamento subterrâneo preenchido com gás antes do próximo inverno (em Portugal as cavernas de gás da REN em Pombal estão a 100%, mas esse volume só cobre cerca de 5% do consumo anual de gás do país).

Nos últimos meses a Europa tem conseguido substituir parte das suas importações de petróleo russo por crude norte-americano. Também tem estado a reforçar as compras de gás aos Estados Unidos, mas a escassez de terminais de receção de gás natural liquefeito (GNL) limita a velocidade a que o Velho Continente poderá dizer “adeus” ao gás russo. Cortar as compras à Rússia aumentará a disputa por gás de outras origens, ameaçando encarecê-lo. “Ficaremos mais expostos aos preços globais do GNL”, alertou quarta-feira o diretor-geral do Mibgás (operador do mercado ibérico de gás), Raúl Álvarez, num encontro da AGN — Associação Portuguesa das Empresas de Gás Natural.

Por outro lado, impor um preço-limite ao petróleo russo (como o G7 quer fazer) pode vir a baixar as receitas de Moscovo, mas também pode ampliar a volatilidade da cotação internacional da matéria-prima. Esta semana, no Fórum do BCE, a professora Hilde Bjørnland, da BI Norwegian Business School, manifestou preocupação. “Não creio que o controlo de preços funcione. É uma medida popular, mas só vai alimentar ainda mais a inflação”, declarou. Para já, os agentes do mercado perspetivam preços grossistas de eletricidade na Península Ibérica relativamente estáveis até ao final do ano, em torno dos €150 por megawatt hora (MWh), mas com um agravamento em 2023, para cerca de €180 por MWh. Nos combustíveis, cada semana é uma caixa de surpresas. Em Moscovo, nada de novo: seis pacotes de sanções da União Europeia ainda não fizeram Putin mudar de ideias quanto à guerra na Ucrânia.

mprado@expresso.imprensa.pt

Zona euro recessão com gás russo

Aviso feito pela Comissão Europeia é repetido por economistas ouvidos pelo Expresso. Mas, falam em recessão “moderada”

Encerramento de fábricas, racionamento energético e ainda mais inflação. Este é o cenário traçado pelos economistas para a União Europeia (UE) em caso de um corte do abastecimento de gás russo. E que pode levar a uma recessão, em particular se o impacto sobre a inflação obrigar o Banco Central Europeu (BCE) a uma subida mais agressiva dos juros. Ainda assim, falam numa recessão “moderada”.

Em maio, a CE reviu em forte baixa o cenário de crescimento para a zona euro este ano e em 2023, para 2,7% e 2,3% respetivamente. Portugal foi exceção, com uma revisão em alta para 5,8% este ano, fruto do forte arranque de 2022 e da recuperação do turismo. Já os números para a inflação no espaço da moeda única passaram a ser bem mais altos: 6,1% em 2022 e 2,7% em 2023.

Mais, dada a incerteza associada à guerra na Ucrânia, Bruxelas traçou um cenário alternativo, severo, com corte de abastecimento de gás russo, que “troubaria” 2,5 pontos percentuais (p.p.) e 1 p.p. ao crescimento do produto inter-



arrisca om corte co

o bruto (PIB) na zona euro em 2022 e 2023, respetivamente, face ao cenário base. “A economia da zona euro ainda conseguirá uma taxa de crescimento anual positiva em ambos os anos, mas em 2022, o produto iria contrair numa base trimestral”, entrando em recessão técnica, alertou a CE. Já a inflação aumentaria mais 3 p.p. em 2022, ultrapassando os 9%, e mais 1 p.p. em 2023.

“Num cenário de cortes de abastecimento de energia teríamos impacto negativo na atividade — eventualmente encerramento de unidades fabris e atividades mais dependentes de energia, racionamento para uso doméstico — e na inflação”, aponta Paula Carvalho, economista-chefe do BPL. E vinca: “Seria um cenário de recessão, mas que poderia ser moderada dado que os Estados europeus se têm vindo a preparar para um cenário mais drástico.”

“A maior ameaça é o fim do gás russo, porque em termos da distribuição para a Europa está muito mais dependente de infraestruturas existentes”, aponta Pedro Brinca, professor da Nova SBE. A UE “tem feito esforços acentuados” para diminuir a dependência, mas, “para muitos países, não é crível que um corte no abastecimento de gás por parte da Rússia não leve

ao racionamento do mesmo. O abastecimento estará garantido para as casas e serviços essenciais mas haverá consequências para a indústria e outras empresas. O que agudizará ainda mais o problema da inflação”, alerta.

Em termos de impacto no crescimento, Pedro Brinca recorda que o estudo “What if? The economic effects for Germany of a stop of energy imports from Russia” estima que, no caso alemão, “dependendo da capacidade das famílias e empresas em substituir o uso de gás natural por outros meios de energia, o efeito no PIB poderia representar de 0,5% a 1% ao fim de um ano”, chegando a 3% no cenário extremo.

Certo é que a subida dos preços energéticos vai penalizar a economia europeia. O estudo “The effect of rising energy prices amid geopolitical developments and supply disruptions” estima que um aumento de 30% nos preços do petróleo, “como temos experienciado em 2022, vai reduzir o PIB na Europa em 1,5%, tudo o resto constante”.

Tudo somado, “irá implicar um abrandamento no ritmo a que as economias estão a crescer, o que combinado com o aumento de preços pode levar a um aumento das taxas de juro mais agressivo que o planeado e então sim, o cenário de recessão será bastante mais plausível”, argumenta Pedro Brinca. Quanto a Portugal, “em termos diretos está mais protegido, mas sofrerá de forma indireta com os aumentos de preço da energia e com o abrandamento económico dos outros países da UE”, remata o economista.

SÓNIA M. LOURENÇO
slourenco@expresso.imprensa.pt

Kristian Ruby Secretário-geral da Eurelectric

“Podemos enfrentar cortes de energia”

MIGUEL PRADO
em Bruxelas

Kristian Ruby é desde 2017 secretário-geral da Eurelectric, a associação que defende os interesses das elétricas europeias. À margem da conferência Power Summit 2022, realizada este mês em Bruxelas, falou ao Expresso de alguns dos principais desafios que o sector enfrenta.

❑ Está satisfeito com a resposta da Comissão Europeia à crise energética?
❑ Sim, estão a dar o seu melhor num momento muito difícil. Surgiram com propostas concretas sobre como fazer o impossível.

❑ Pensa que são exequíveis?
❑ Deparam-se nos desafios mais assustadores do que nunca. Mas é perigoso colocar a questão apenas de uma perspetiva. Se apenas colocarmos a questão sobre se “conseguimos fazê-lo?”, também temos de questionar se “conseguiremos não o fazer?”. Será realista não fazer nada?

❑ Temos o desafio de diversificar o abastecimento de gás natural, mas ainda precisamos do gás russo no nosso sistema elétrico. Podia ser diferente?

❑ É sempre bom partir missões aparentemente impossíveis em tarefas individualmente exequíveis. Se olharmos para a primeira tarefa, que é sobre se conseguimos prescindir do petróleo e do carvão da Rússia, a resposta é “sim”. A parte do petróleo por oleoduto será a mais difícil e demorará mais tempo, mas já há um plano para o fazer, e no final deste ano cortaremos com 90% do petróleo russo. Depois vem a questão mais difícil. A dependência de gás russo é muito forte. E isso levanta a questão sobre quão depressa conseguiremos fazê-lo [cortar o abastecimento]. Não pode haver dúvidas sobre a necessidade moral de o fazer. Quando se começa a olhar para o volume de gás, que é de 155 mil milhões de metros cúbicos [importados pela Europa anualmente], podemos reparti-lo por várias parcelas em que podemos mexer. Podemos diversificar uma parte, obter mais GNL, conseguir mais gás natural da Noruega. Isso cobrirá uma parte. Depois poderemos ter uma outra parte desse gás substituído por renováveis e bombas de calor, por exemplo. Mas isso levará mais tempo.

❑ Precisaremos de fazer uma micro-gestão de várias questões para ter o problema resolvido?

❑ Precisamos de uma abordagem diferente. A economia de mercado é uma forma muito bem-sucedida e eficiente de organizar uma economia em tempo de paz.

❑ Mas estamos em guerra...

❑ Se tivermos um manipulador externo desse mercado, o que é a situação de momento, então necessitamos de lidar com isso de forma mais proativa. O ponto central é que temos de avançar de forma completamente diferente na questão da eficiência energética. Precisamos de poupar energia numa escala que não equacionamos durante anos.

❑ O consumidor final está preparado para isso?

❑ Não haverá alternativa. Se olharmos para os preços que temos, eles estão a enviar um sinal muito claro aos consumidores de que eles precisam de poupar energia. Não há orçamento na Europa que seja suficientemente grande para compensar os aumentos de preços a que estamos a assistir.

❑ As renováveis ainda levam o seu tempo a ser instaladas e a gerar benefícios para os consumidores. O que pode ser feito para proteger os consumidores destes preços tão elevados?



O dinamarquês Kristian Ruby lidera a Eurelectric desde janeiro de 2017 FOTO DAVID PLAS

❑ Penso que esse esforço começa no próprio consumidor. Cada um de nós, quando vai ao supermercado e repara num pedaço de carne muito caro, compra outro produto ou pensa tornar-se vegetariano. Precisamos de nos confrontar com os níveis de preços enquanto consumidores. Depois, alguns de nós estão melhor preparados para o fazer. A Eurelectric sempre foi muito explícita ao afirmar que temos de garantir que os mais vulneráveis da sociedade estejam protegidos. Não queremos que haja pessoas a ter de escolher entre comer e aquecer-se. Não podemos admitir ter pessoas a sofrer. Temos de nos focar nas pessoas que estão mais expostas.

❑ Há diferentes mecanismos de apoio a famílias de baixo rendimento pela Europa fora. Há países onde as famílias de menores rendimentos não estão bem protegidas?

❑ A principal questão é que enfrentamos nos próximos dois anos preços e dificuldades que não víamos há décadas. Há um risco real de as pessoas congelarem no inverno. Habitua-mos a que a energia fosse um conforto moderno com o qual não nos tínhamos de preocupar. Isto poderá ser agora diferente. Podemos bem enfrentar cortes, a AIE [Agência Internacional de Energia] admitiu um cenário de racionamentos nos próximos anos. Temos de ser claros: enfrentamos um período muito difícil, em que as empresas de energia não têm as respostas isoladamente.

❑ Portugal e Espanha avançaram com uma intervenção no mercado grossista de eletricidade. Qual é a sua opinião sobre os benefícios dessa medida?

❑ Somos altamente céticos quanto a essa medida. Reconhecemos a intenção política de isolar os preços da eletricidade da subida dos preços do gás. O que nos preocupa é que isto vai ter efeitos colaterais contraproducentes, que não foram tidos em conta. Não ficamos satisfeitos com a forma como foi feito. Não sei se em Portugal foi tão desleigante como em Espanha, onde isto não foi feito em colaboração com o sector, foi uma imposição da noite para o dia, através

de um decreto real, sem uma adequada discussão sobre como poderia ser feito.

❑ Mas está contra a medida? Ou está cético porque a indústria elétrica não foi ouvida?

❑ Por tudo isso. Este tipo de intervenção é errada e contraproducente. Recreamos que a falta de consulta, de avaliação do esquema, irá conduzir a uma série de efeitos indesejados que não vão ajudar ninguém. Estamos preocupados quanto a distorções do mercado e o impacto na previsibilidade dos negócios.

❑ O disparo dos preços da eletricidade reanimou o debate sobre o desenho de mercado. Devíamos ter um novo desenho de mercado de raiz?

❑ Precisamos de distinguir entre curto e longo prazo. No curto prazo, precisamos de ser muito cuidadosos com o que fazemos. No curto prazo, mexer no mercado, distorcendo-o, traz um enorme risco de estragar as coisas. No longo prazo estamos muito mais abertos ao debate sobre como o desenho de mercado pode evoluir.

❑ Uma apresentação na conferência da Eurelectric indicava que o custo de alcançar 100% de eletricidade renovável é muito elevado nos últimos 2% a 4%. Poderemos conseguir 100% de eletricidade renovável com preços acessíveis?

❑ Primeiro, temos que nos preocupar não com os últimos 2%, mas com os restantes 98%. A tecnologia de hoje pode facilmente levar-nos a níveis muito altos de incorporação de energias limpas. O que realmente importa é o objetivo político e social de resolver as alterações climáticas, lidar com a biodiversidade, libertarmos-nos dos combustíveis fósseis da Rússia. Os objetivos são a autonomia energética e resolver o clima, é com isso que nos devemos preocupar.

❑ Há um debate sobre se as enormes centrais solares de que precisamos para alcançar objetivos irão realmente beneficiar as comunidades locais. O que pode ser feito quanto ao interesse das comunidades locais e quanto à biodiversidade?

❑ Quando instalamos renováveis, estamos a ajudar o clima. A única forma de o conseguir é assegurarmos-nos de que isso é feito com os benefícios corretos para as comunidades locais. Precisamos de procurar sinergias em que estamos realmente a fazer algo pela proteção da natureza, pela regeneração da biodiversidade, enquanto instalamos renováveis. E também pensar numa dimensão local, com a copropriedade de projetos, melhorar o aspeto estético em torno dos projetos, garantir que as pessoas vejam que se aceitarem determinado parque eólico também poderão vir a conseguir, por exemplo, um espaço de lazer.

mprado@expresso.imprensa.pt

O Expresso viajou a convite da Eurelectric

“A INTERVENÇÃO DE PORTUGAL E ESPANHA NO MERCADO DE ELETRICIDADE É ERRADA E CONTRAPRODUENTE”